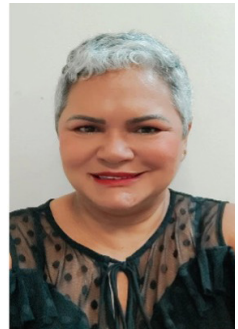


Capítulo 7

MEU BANCO DE DADOS, MINHAS MEMÓRIAS

Maria Julia Nunes



“Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertencço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.”

Walter Benjamin.



A vida é um caminho e um caminhar cheio de momentos, fatos e memórias. Puxar pelas lembranças é algo que traz naturalmente emoções variadas; algumas certamente deliciosas, saudosas, outras nem tanto. Mas é fato que toda experiência vivida merece ser narrada, uma vez que lembrar pode funcionar como terapia para a cura da alma e serve ainda, como contribuição para que outras pessoas se sintam estimuladas a contar suas histórias. Sim, todos deixamos em nosso trajeto marcas, saberes e fazeres que contribuem para definir ou caracterizar nossa personalidade, bem como, nossa contribuição para com os nossos semelhantes e com a sociedade em geral.

A cada dia que nos relacionamos com outras pessoas, seja no seio familiar, trabalho ou em outros lugares, estamos aprendendo e enriquecendo nossos conhecimentos. Nesse processo de interação com o outro conversamos, trocamos, aprendemos e ensinamos e dessa maneira, produzindo novos saberes. Esse processo de crescimento e fortalecimento do ser humano, da pessoa, é um percurso educativo, conduz a formação. Nesse sentido Dominicé (1986), afirma que a formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade pessoal (Dominicé, 1986).

Nesse caminhar da vida trilhamos percursos muitas vezes desafiadores, que nos tornam mais fortes e capazes de perceber a dimensão gigantesca que é conviver com os diferentes de nós, em espaços variados, que possibilitam novos aprendizados e saberes que só advêm da capacidade que temos de nos relacionar, de aprender com os outros e nessa interação aprendemos e construímos conhecimentos que nos tornam seres aprendentes e cooperativos. O bom desse percurso é que, seja no círculo familiar, no ambiente de trabalho ou nos espaços coletivos, estamos fortalecendo nosso currículo, e não se trata apenas do currículo lattes, diria mesmo que é aquele currículo cotidiano, que não encontramos nos livros, plataformas, mas no fazer diário, nas conversas de esquina, no café com os colegas, lugares ricos de aprendizados únicos.

É na memória que encontramos recordações, afetos e desafetos que ao resgatá-los nos permite adentrar nas emoções, nos conflitos e também nas experiências vivenciadas. Nesse momento, nessa imersão surgem também alguns conflitos acerca do que registrar, como compartilhar nossas dores e nossos amores, nossa caminhada desde a educação infantil até a chegada na vida profissional como educadora. Diante desse desafio, alguns fatos ficarão ocultos, seguirei relatando as vivências em seções a seguir. Início narrando aspectos de minha infância, período de grandes aprendizados em meio às dificuldades de uma infância regada pela luta contra a pobreza e a escassez de oportunidades.

PRIMEIROS PASSOS

Nascida no 1º dia de julho do ano de 1971, recebi o nome Julia, segundo meu avô materno, era uma homenagem ao mês de julho, considerado importante devido ao São João e às boiadas, festas tradicionais na baixada maranhense; além de período de grande fartura: colheita do milho, do arroz que tradicionalmente é cortado, torrado em forno e socado no pilão, chamado de arroz novo; uma verdadeira iguaria para os baixadeiros como são chamados aqueles que nascem a oeste e sudeste da Ilha de Upaon-Açu (São Luís), formada por grandes planícies baixas que alagam na época das chuvas.

Dessa fase da minha infância guardo muitas memórias afetivas, como, o melhor ovo batido do mundo. Se trata de bater em cuia de cabaça as gemas de ovos caipira com bastante açúcar e raspas de limão até virar um creme cheiroso e consistente que meu tio Antônio colocava farinha e distribuía uma colherada na palma das nossas mãos. Lembro-me também de comer camapum, nome de origem indígena (*physalis pubescens*), hoje reconhecida como de grande valor nutritivo. Uma frutinha nativa da Amazônia, amarelada e doce que eu pegava na roça e comia com farinha enquanto esperava no tijupá, uma espécie de palhoça, minha mãe e meu padrasto terminar o serviço de capina da roça. Naquela época, a vida no inferior do Maranhão tinha seus percalços, não tínhamos bolsas de programas assistências e nosso lanche era aquilo que se extraía da natureza, tipo: manga verde com sal, maracujá do mato, ingá, palmito, macaúba, verdadeiras delícias que matavam a fome e nos ensinavam a conviver harmoniosamente com o meio ambiente.

O início no mundo da alfabetização foi em uma casinha de sapê. Nessa época frequentei uma escola tipo comunitária, de taipa (coberta de palha) com grandes bancos de madeira. Lá a sala era mista, com meninas e meninos de tamanhos e idades variadas. Foi onde fui alfabetizada ainda no sistema da palmatória e por uma professora de apelido Margarida, não ela não era uma flor. Nunca esqueço certa comparação que ela fez entre mim e uma garota de melhor poder aquisitivo após uma briga de criança entre nós, quando ela disse que a menina deveria deixar pra lá, porque filho de urubu não levantava voo, nesse caso, “urubu” se referindo a mim e minha família. Coisas do passado, ainda bem. Talvez não fosse culpa dela e sim daquele sistema de educação do campo, do atraso e da precariedade que a educação infantil conviveu durante décadas. Que Deus a perdoe, porque eu já a perdoei. Certo é que aquela menina voou e chegou longe, onde as vezes ainda se pega pensando eu consegui, gratidão meu Deus!

Passado aquela fase pueril, veio uma oportunidade de sair daquele interior chamado Mata Praga, não, não me perguntem por que desse nome, mas, está registrado na minha certidão de nascimento, nascida em Mata Praga, Município de

São Vicente Ferrer. Na minha casa os adultos eram quase todos analfabetos, inclusive minha mãe. Contudo minha mãe se desdobrava para que eu e meus irmãos frequentássemos a escola do pequeno povoado vizinho.

Trazida para morar e estudar na casa de padrinhos, na capital São Luís; vivi momentos que se fosse hoje seria caso de polícia. Mandaram fazer um banquinho de madeira para eu subir e alcançar as louças na pia para lavá-las. Bonecas não tinha. Ia a feira da Liberdade, um bairro conhecido e famoso pela violência. Vinha carregando sacolas de coisas da barraca do meu padrinho, não tinha tamanho, mas tinha uma força incomum, já lutava bravamente pela sobrevivência, por oportunidades. Enfim, algum tempo depois chegou aos ouvidos da minha mãe essa situação, ela me levou de volta pra casa.

Volto a morar em São Luís numa segunda tentativa de estudar, e novamente morando na casa de parentes. Nesse intervalo, eu estava super atrasada nos estudos e fui fazer a 1ª série com 11 anos. Era um novo momento, contudo ainda passava pelo crivo do trabalho infantil, sutil, velado, mas real e também pelo assédio sexual, sim aquele tipo que acontece no seio da família, por pessoa que se apresenta como teu protetor, quando na verdade quer te abusar, se aproveitar da tua infância e da ingenuidade dessa fase da vida das meninas; prática muito comum no interior de vários estados do Brasil.

O trabalho infantil doméstico principalmente das meninas é o pior tipo de exploração, por ocorrer de forma invisível, silenciosa e altamente prejudicial, envolvendo uma considerável cifra oculta por ocorrer em contexto familiar e se justificar como trabalho auxiliar. Essa triste realidade se encontra descrita nas palavras de Custódio; Moreira (2015) quando diz:

“Assim, no Brasil, as idades mínimas permitidas seriam de catorze anos para o trabalho de aprendiz, mediante regime próprio conforme a Lei 10.097, de 15 de dezembro de 2000, e de dezesseis anos para o trabalho adolescente, seguindo requisitos necessários. [...] Qualquer trabalho que não respeite esses limites é considerado trabalho infantil”

Termino o ensino fundamental menor, já uma moça me sentindo triste em frequentar aulas com crianças bem menores que eu. Além disso precisava deixar aquele lugar que já não era mais agradável e nem saudável para mim. Resolvi trabalhar em casa de família, como doméstica, haja vista não ter mais desejo de voltar a morar na casa da minha mãe no interior e agora com uma nova realidade; decidi fazer supletivo para minimizar essa defasagem de tempo, mesmo ficando aquém dos conteúdos e habilidades daquele ciclo.

NOVOS ARES NA TERRA DE JORGE AMADO

Tive muita sorte e iniciei essa etapa com pai(trões), sim uma família que me acolheu e logo percebeu minha vontade de crescer, de aprender. Como eu ainda era menor de idade eles buscaram os caminhos da Lei e pediram na justiça um termo de posse e guarda. Com a autorização da minha mãe tudo ficou acordado e então eis que eles foram trabalhar na Bahia, em uma cidade pequena chamada Teofilândia e claro fui com eles para enfrentar mais esse desafio. Lá havia exploração de Mina de ouro pela Vale do Rio Doce, empresa onde meu pai(trão) trabalhava e a qual passei a ser considerada como depende dele. Assim pude estudar no Colégio Pitágoras, sistema de ensino que atendia de forma excelente filhos e dependentes dos funcionários da empresa.

Passei a ter plano de saúde, odontológico e direito a passagem aérea nas férias para visitar a família em São Luís. Era um benefício que a empresa oferecia aos seus colaboradores e familiares. A vida ganhava novos ares e eu vivia um mundo novo. Era como se eu tivesse nascido de novo, ganhado novos pais, nova educação e hábitos. Eu sabia que não era filha, era funcionária daquela família, mas tratada com muito respeito, com humanidade e recebendo benefícios nunca imaginados por mim. Me agarrei a todas as oportunidades e diante das deficiências no aprendizado, busquei todo recurso oferecido pela equipe pedagógica da escola, além do meu esforço individual para conseguir manter meu compromisso com as tarefas do trabalho doméstico, agora remunerado e as atividades escolares, bem difíceis diga-se de passagem.

Como boa nordestina vim, vivi e venci. Acordei centenas de vezes as 4h da manhã para estudar e ao sair para a escola já deixava tudo adiantado para o almoço. Não podia decepcionar aqueles que estavam me salvando da difícil realidade que eu vinha. Deu certo, concluí o Ensino Médio e fiz meu primeiro vestibular para a Faculdade de Educação de Serrinha, cidade vizinha. Passei em 1º lugar para o curso de pedagogia, fato que foi extremamente comemorado por todos, inclusive merecedora de faixa na entrada da cidade e da escola com meu nome. Foi no Pitágoras que conheci pessoas incríveis, pelas quais tenho muita gratidão. Um professor maravilhoso, paciente e incentivador de física o Léio, hoje meu amigo; a Geisa, hoje minha comadre e irmã de alma, a Dinuzzo, médica e minha amiga, pessoas que sempre pude contar para superar as dificuldades nos estudos e para compartilhar momentos maravilhosos na vida.

Quando já estava no 3º período da faculdade, voltamos a morar em São Luís e transferi meu curso para a Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, onde me formei em uma bela festa. No último período quando precisei fazer estágio, já não conseguia conciliar os estudos com o trabalho doméstico. Foi então que tive

que tomar uma difícil decisão; deixar aquela casa, aquela família que já era também a minha segunda família. Posso assegurar que as experiências ali vividas me conferiam uma segunda faculdade. Choramos juntos minha partida, mas sabíamos que era para eu viver uma nova etapa, para meu crescimento pessoal e profissional.

Foi nesse período que ao viajar para fazer uma pesquisa e conhecer a cidade histórica e turística de Alcântara, fiquei sabendo que haveria concurso para a Escola Caminho das Estrelas, uma escola assistencial, Federal dentro do Centro de Lançamento de Alcântara/ MA, que atendia filhos de funcionários Civis e Militares.

NO CAMINHO DAS ESTRELAS O SOL NASCE PARA TODOS

Iniciava minha vida profissional. Era o 1º concurso para aquela escola. Fiz a prova e fui classificada em 1º lugar das 4 vagas oferecidas para o ensino Fundamental, Anos Iniciais. Começava minha trajetória rumo a educação pública e minha jornada na carreira EBTT, Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Aeronáutica. A ECE, como é carinhosamente conhecida, é uma escola considerada de fato, mas não de direito uma localidade especial, devido a difícil missão de chegar até lá. Imagine a professora ter que pegar um barco ou catamarã, navegar por mais ou menos 1h30 min, em uma das maiores marés do mundo, ou ter que em dias de maré quebrada, quando não é possível as embarcações chegarem até Alcântara, ter que ir de avião da FAB em voo de 12 a 15 minutos, ou mesmo pegando uma balsa, chama ferry boat e viajar em alto mar por aproximadamente 2h. Parece sul real, mas é assim que tenho trabalhado durante 25 anos.

Essa longa jornada me possibilitou trilhar além do cotidiano da sala de aula, outras experiências. Exerci Cargos Comissionados de Coordenação Escolar por dois períodos 2007/2008 e 2013/2014, além de Gestão Escolar 2017/2018. Participei de bancas de seletivo para professores civis e militares, de comissões como COPEMA e CPPD, entre outras. Desenvolvi e ou participei de belíssimos projetos pedagógicos como o “Projeto Interdisciplinar Nas Raízes da Mandioca” um projeto em cooperação com a Escola Tenente Rego Barros em Belém do Pará, onde os alunos com melhor desempenho na execução do mesmo foram beneficiados com um intercâmbio para conhecer e dialogar com alunos do mesmo ciclo sobre a importância, os produtos e a herança indígena dessa poderosa raiz.

Pela primeira vez alunos dos anos iniciais saíram da ECE rumo a Belém levados pelo avião Caravan e recebidos por um Brigadeiro com hospedagem, alimentação e passeios por conta do comando, oportunizando aos alunos viajar de avião, meio de transporte que para a maioria dos alunos daquela cidade é apenas visto no alto, no céu. Nunca esqueço o depoimento de uma das alunas quando me disse: “Professora hoje é nosso dia de princesa, temos até motorista abrindo a porta

do carro para nós”, são aprendizados e ensinamentos que nenhum dinheiro pagaria e tive a coragem e o desprendimento de elaborar esse projeto que para alguns colegas de trabalho da época era uma ideia maluca, impossível de realizar. Tantas histórias, alegrias, decepções, amizades, aprendizados, enfim, vivências que me fortaleceram como pessoa e como educadora das quais tenho muito orgulho de fazer parte e está agora compartilhando.

Minha relação com a comunidade alcantarensense e com a Escola Caminho das Estrelas é tão intensa que morei na Vila Tapireí, Vila Militar próxima a escola por duas vezes e por essa razão coloquei meus filhos para estudar na ECE, prova da confiança que tinha naquela que é sem dúvida nenhuma a melhor Escola Pública de Ensino Fundamental do Município de Alcântara/MA.

Uma vez fui desafiada por uma certa professora em uma das especializações que fiz a pensar uma frase sobre algo ou alguma coisa que eu achasse importante, eu escrevi: “Para mim o Sol é algo incrível, pois ele nasce para todos” e expliquei que o sol é democrático, ao amanhecer nasce para todos, embora nem todos alcancem seus raios e ao entardecer se põe igualmente para todos. Assim luto para que a educação desenvolvida na ECE chegue para todos, seja justa, equitativa e inclusiva e que os reflexos dessa educação se espalhem para além-mar.

Nesse intervalo me casei, tive dois lindos filhos, hoje homens. Perdi para a violência, o meu grande amor e pai do meu filho mais novo. Contudo renasci, me recriei. Hoje tenho outro relacionamento, e muita sede de viver, de aprender e ensinar.

SALVA PELA EDUCAÇÃO

Essa sede que me moveu trouxe três pós-graduações a nível de especialização: Psicopedagogia pela UCAM- Universidade Cândido Mendes/RJ. Gestão e Supervisão Escolar pela FACAM- Faculdade do Maranhão e Gestão Educacional pela Faculdade Integrada Potencial – FIP/SP. Aos 52 anos estou cursando um Mestrado Em Meio Ambiente pelo CEUMA- Centro Universitário do Maranhão.

Até chegar aqui fui convidada a participar do GEPSAD, Grupo de Estudos e Pesquisas, Práticas e Saberes Docentes criado e coordenado pela Professora Doutora Jussara Cassiano Nascimento, do CBNB, Colégio Brigadeiro Newton Braga. Após minha entrada nesse grupo, nunca mais fui a mesma. As discussões, estudos e trocas entre professores das três escolas assistenciais da FAB, me fizeram perceber que havia muito que ser contado, compartilhado. Foi assim, através desses encontros de professores que surgiu a ideia de escrever uma coleção de livros que narrasse nossas práticas e projetos do cotidiano escolar. Essas narrativas se fortalecem na fala da própria organizadora da coleção, Nascimento (2019), quando diz: “Não podemos deixar de sinalizar o quanto o registro dessas narrativas

pedagógicas contribui com a formação continuada dessas professoras que ao narrarem o vivido, junto aos seus pares, a partir das trocas, das conversas e dos diálogos, procuram compartilhar fatos e acontecimentos oriundos do cotidiano escolar, contribuindo para que o professor se sensibilize e reveja suas ações, mas em uma perspectiva reflexiva sobre a prática” (Nascimento, 2019).

Quando escrevi meu primeiro capítulo já estava no volume 2 da coleção e hoje estamos trabalhando para lançar o volume 6. Escrever capítulos para esses livros possibilitaram uma visibilidade na comunidade escolar e local nunca imaginada. Organizamos lançamento, com autógrafos, coquetel para convidados, alunos e pais de alunos, autoridades locais como prefeitos, enfim algo grandioso e que trouxe uma contribuição pedagógica e um engajamento cultural maravilhoso para mim e para as demais professoras envolvidas. No Volume 4 tive a honra de ser convidada a ser uma das organizadoras do livro, fato ainda mais marcante para minha carreira no mundo da escrita e de produção do conhecimento. Foi o ponto de partida para escrever artigos, capítulos para outros livros, ebooks; pareceres, ou seja, para meu empowerment pedagógico, para a transformação da minha trajetória acadêmica. Concordando com Nóvoa (2023),” Em educação nunca há novidades. Tudo já foi dito ou inventado. Mas há mudanças importantes, dinâmicas de transformação. É preciso repensar o que já se sabe e o que já se faz evitando cair na ilusão de uma “novidade” sem raízes e sem história.

Entrar no mundo da pesquisa científica me trouxe uma certeza; nossa experiência é única, ninguém pode entender ou contar sobre a nossa prática pedagógica do que nós mesmos. Ensinar para os pequenos, escrever e planejar projetos, saberes também é ciência, é pesquisa e isso me deu empoderamento pedagógico, feminino, confiança no meu fazer e ser profissional.

